

08

**O EDUCADOR FRENTE À
PROBLEMÁTICA DA TIMIDEZ
DO ALUNO.**

96

Universidade do Rio de Janeiro - (UNI-RIO)

Centro de Ciências Humanas - (CCH)

Escola de Educação

Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

Disciplina: Monografia II

REITOR: Sérgio Luiz Magarão

VICE-REITOR: Hans Jurgen Fernando Dohmann

DECANO: Afonso Celso

DIRETORA: Janete de Oliveira Elías

PROFESSORA RESP. PELA DISCIPLINA: Gilda Maria Grumbach de Mendonsa

PROFESSORA ORIENTADORA: Sandra Albarnez de Medeiros

O EDUCADOR FRENTE À PROBLEMÁTICA DA TIMIDEZ DO ALUNO.

Por: Helena Aparecida da Cruz Barreto

*Monografia apresentada em
cumprimento ao requisito
parcial para conclusão do
Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia.*

**Rio de Janeiro
UNI-RIO
1996**

Dedico essa monografia a todos os tímidos, que um dia foram esquecidos, no canto de uma sala de aula.

AGRADECIMENTOS

**À MEUS PAIS QUE ME DERAM
APOIO E INCENTIVO NOS
MOMENTOS MAIS DIFÍCEIS.**

**AO MEU FILHO E MEU MARIDO
QUE ENTENDERAM A MINHA
AUSÊNCIA, COM MUITO AMOR
E CARINHO.**

**À MINHA ORIENTADORA SANDRA
ALBARNEZ DE MEDEIROS, QUE
COM SUA PACIÊNCIA E ATENÇÃO
ME AJUDOU A CONSTRUIR ESTA
MONOGRAFIA.**

**E A TODOS, QUE DE CERTA
MANEIRA CONTRIBUÍRAM
PARA A ELABORAÇÃO DES-
TE TRABALHO.**

OBRIGADA.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	1
II - CONCEITO DE TIMIDEZ	4
III - DINÂMICA FAMILIAR	14
IV - ENTREVISTA COM EDUCADORES	22
V - CONCLUSÃO	28
VI - BIBLIOGRAFIA	32

***“O FILHO PREFERIDO PELA MÃE, JÁ
TEM O SEU FUTURO GARANTIDO”.***

(FREUD)

I - INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade autoritária, onde a grande parte dos pais apelam para a ameaça e o medo com a intenção de conseguir obediência dos filhos. O adulto se conduz por um caminho contra-indicado na difícil arte de se fazer obedecer pela criança. A obediência deve ser um ato tanto quanto possível lógico e consciente da parte da criança, racional e compreensivo da parte do adulto.

As ameaças e o medo acarretam conseqüências desagradáveis e complicações na relação dos pais com os filhos. Algumas dessas complicações surgem sob a dificuldade de se separar do adulto, o que, por sua vez pode gerar a timidez.

Segundo o pensamento de MIELNIK (1982: 171):

“A timidez e outras situações de separação da criança em relação ao adulto ou meio familiar, traduzem sentimentos de insegurança, de inferioridade, de submissão exagerada, através dos quais a criança procura demonstrar sua grande dependência do adulto e sua incapacidade de se desligar dele. Não sabemos ao certo quanto dessas atitudes são geradas pelas ameaças ou medo com o que o adulto procura tornar a criança obediente.”

Quando chega a época da criança ingressar na escola, começa uma nova etapa em sua vida, principalmente para a criança tímida, onde viverá a situação

de separação dos pais de uma maneira intensa o que conseqüentemente a fará sofrer e a se recusar a ir à escola, porém essa ida à escola é forçada pelos pais.

De acordo com MIELNIK (1993: 176):

“Na escola, a criança tímida prefere não ser posta em evidência. Quando chamada, diz que não sabe ou que não estudou; cora com facilidade e embaraça-se com as palavras, muitas vezes enrolando a língua e gaguejando.

“Por isso, freqüentemente é objeto de riso e zombaria do resto da classe. Tudo se passa como se a criança tímida tivesse primeiro que vencer-se, para depois enfrentar o meio social.”

Desta forma, verificamos que é necessário que o educador possua conhecimento da problemática da timidez, para que tenha uma prática pedagógica que auxilie o aluno tímido a superar suas dificuldades.

Esta monografia tem como objetivo discutir os fatores causadores e conseqüências da timidez, além de conscientizar o educador quanto à necessidade de integrar o aluno tímido ao grupo.

Levamos em conta a dinâmica familiar, já que ela exerce um papel fundamental na vida do ser humano, sendo um modelo para o indivíduo, na construção da sua personalidade. Fez-se necessário fazer uma breve análise da dinâmica familiar,

bem como estudar, um pouco, a história da construção da família burguesa contemporânea.

Como afirma HADFILD (1962: 55):

“El ambiente tiene además importancia en cuanto determina cuáles de las potencialidades congénitas del niño son desarrolladas o exageradas, cuáles quedan en estado latente y cuáles son reprimidas. Un niño que crece en una atmosfera de temor será probablemente (aunque no necesariamente) tímido, o sea que su temor se acentuará.”

Outro objetivo nosso foi o de identificar as conseqüências da reação do educador quanto à timidez do aluno, refletidas na aprendizagem. Para tal, foram feitas entrevistas com um grupo de cinco educadores, para que fosse descrito como o aluno tímido é percebido por elas e o que é feito para se tentar auxiliar esse tipo de aluno.

II - CONCEITO DE TIMIDEZ

No dicionário Aurélio (1983), a timidez é definida como: “acanhamento, debilidade, fraqueza; tímido que tem temor; receoso, acanhamento, retraído. Fraco, frouxo, débil: “Os tímidos gorjeios dos pássaros”.”

A visão que se tem das pessoas tímidas é que são incapazes, pois estão fora do padrão idealizado. O tímido não possui necessariamente um problema de aprendizagem, sua dificuldade é de se relacionar com os demais, porém não é assim que ele é visto.

Como afirma VEIGA (1992), vivemos em uma sociedade autoritária, o que nos leva a ter diversos conflitos, nas nossas relações com o mundo. Criamos nossos filhos dentro de uma atmosfera conflitante, e encorajamos os filhos homens a serem autônomos e cobramos das mulheres a submissão, levando-as muitas vezes a se tornarem tímidas. Ao passo que a nossa sociedade cobra de todos um comportamento, onde a alegria, a espontaneidade, a curiosidade, a extroversão e a criatividade são vistas como qualidades. Comportamento este idealizado, pois grande parte dos indivíduos não possuem todas essas qualidades. O que acaba levando-o a ter uma baixa estima.

“Apesar de desejarmos viver em uma democracia, somos criados dentro de uma estrutura familiar positivamente tirânica. Isso nos cria um doloroso conflito em nossas relações como o mundo, que sentimos nos

desrespeitados; enquanto em outros momentos os desrespeitados somos nós. Fomos forjados tiranos e/ou súditos, assim estamos criando nossos filhos.”

(VEIGA, 1992: 12)

O modo como as sociedades patriarcalistas foram constituídas também contribuiu para que a timidez seja propagada, principalmente entre as mulheres. Idealizando um comportamento que deveria ser seguido pela mulher, para que seja considerada uma pessoa digna e de caráter. Subjugando-a aos afazeres domésticos e ao cuidado com os filhos, deixando-a fora das grandes decisões e do convívio com outras pessoas.

Segundo POWELL (1982: 18):

“...um estudo realizado pela universidade da Califórnia, com 252 crianças, revelou que independentemente da idade, a timidez ocorria com maior freqüência entre meninas do que em meninos. A timidez tende ocorrer com maior freqüência entre os primogênitos, e que as crianças tímidas geralmente fazem má idéia de si mesmas, achando-se-à altas ou gordas demais, franzinas, estúpidas ou impopulares.”

O tímido é uma pessoa que precisa de ajuda, incentivo e encorajamento. Seu espírito ultra-sensível leva-o ao encolhimento social.

Não existem estatísticas oficiais que possam garantir o número exato de pessoas tímidas existentes no mundo, mas o certo é de que seja um número bastante expressivo. “Nos Estados Unidos, estima-se que 49% da população seja tímida”. (JORNAL DO BRASIL, 10/03/96).

A timidez não respeita fronteiras, raça, religião, nível social ou idade. Em qualquer parte do mundo podemos encontrar pessoas tímidas, acanhadas e introvertidas.

Para o pesquisador de Stanford, Philip Zimbardo, “a tecnologia ainda colaborou para aumentar esse estranhamento entre as pessoas. Os computadores nos permitem trabalhar em casa, evitando encontros coloquiais no local de trabalho. Fazemos operações bancárias em máquinas, não mais com o caixa. Usamos cartões de crédito para comprar mercadorias que vemos em catálogos”. (JORNAL DO BRASIL, 10/03/96).

Ninguém nasce tímido, esta uma característica que aprendemos durante a infância, através das relações com a sociedade. e algumas pessoas conservam até a idade adulta. A pessoa tímida se coloca na situação de “súdito”, subjugando-se aos outros, por medo.

Segundo MUSSEN (1975: 103):

“A atmosfera familiar exerce grande influência na personalidade do indivíduo. Pesquisas mostram que os pais autoritários podem levar os filhos a terem alguns problemas de ordem comportamental, tornando-se

descontentes , retraídos e desconfiados. Há uma outra categoria de pais que também levam os filhos a terem autocontrole, que são os pais permissivos (calorosos, carinhosos e fornecedores de apoio, mais inclinados à superproteção e uma disciplina relaxada); eles fazem poucas exigências aos filhos, e quase nada para encorajar a independência.”

Há alguns teóricos que discordam dessa posição de que a timidez é construída a partir das relações que o indivíduo estabelece com a sociedade. Partem da premissa de que o temperamento é uma característica inata. Sugerindo que pode haver um componente genético, bem como um tratamento médico para a timidez.

“Um estudo da Universidade de Harvard, coordenado pela psicóloga Doren Arcus, com cem crianças de 4 a 16 meses, mostrou que os pais podem ajudar o bebê tímido a superar seus temores sociais. Os genes podem ter sua parcela de responsabilidade na timidez; mas de acordo com os pesquisadores, o estilo de disciplina dos pais ajuda a determinar se a criança dará vazão à sua inclinação. Mas não se pode negar a biologia: as crianças tímidas tendem a ter maior número de batimentos cardíacos e ficam mais tensas diante de situações apenas moderadamente estressantes.”

(O GLOBO, 03/03/96)

Quando falamos em timidez sabemos que, este estado, é uma consequência da falta de confiança em si mesmo, ou o resultado de um sentimento de inferioridade, que é desenvolvido durante a infância.

Todos os indivíduos, em certas ocasiões, se sentem tímidos, em graus menores, a timidez não chega a ser um sério problema, mas o medo exagerado, pode levar qualquer pessoa aos mais terríveis embaraços e contratemplos que se pode imaginar.

A timidez é na verdade um grande obstáculo à realização social de uma pessoa e não necessariamente a sua capacidade de aprender. Muitas vezes o tímido desenvolve a capacidade de raciocínio e aprendizagem, para que possa de certa forma mostrar alguma qualidade, sendo o mais esforçado do grupo.

Muitos tímidos têm maravilhosos sonhos de olhos abertos, nos quais suas idéias são recebidas com aclamação pelos companheiros. E algumas das idéias desses tímidos seriam realmente bem aceitas se alguém pudesse ouvir. Frequentemente, porém, suas idéias são vagas e difícil de compreender, porque nunca são expostas a uma avaliação objetiva. Pertencem ao mundo privado e pessoal da alma tímida e não são facilmente traduzidas em termos compreensíveis à outras pessoas.

De acordo com o pensamento de MIELNIK (1993, 174):

“A criança introvertida mostra-se interessada em assuntos da imaginação, fugindo do terra-a-terra, ao prático, ao concreto. Cria seu pequeno mundo com personagens fictícios, com os quais convive e conversa.

Suas atitudes, reações, desenhos e criações são exclusivas e denunciam a existência de um padrão de lógica e raciocínio próprio.”

Um exemplo, que ilustra bem a afirmação de MINKIN é: o que saiu no Jornal do Brasil de 10/03/96:

“De volta para casa, vindo da escola, Alan sempre iria preferir caminhos alternativos para evitar colegas de turma e vizinhos. Como um modo de se distrair da timidez e da angústia constante de sentir-se um estranho, ele passaria o tempo resolvendo problemas matemáticos de cabeça. Hoje aos 34 anos, é um engenheiro de softwares. Vive sozinho e trabalha com o irmão, a quem descreve como sua “interface com o mundo”.”

A timidez, como podemos observar no exemplo acima, interfere na vida social do indivíduo. O tímido possui uma necessidade de ser aceito e amado. Quer ter a qualquer custo esse amor, mas não se sente digno dele. Essa relação de amor e ódio, acaba levando-o à angústia.

Como afirma GOLDIM (1989: 54):

“O amor, em um determinado momento da vida é essencial. Neste sentido dependemos do amor da mãe para sobreviver. Quanto melhor elaboramos essa dependência infantil do outro, mais autônomos conseguiremos ser, quanto menos simbolizarmos esta dependência menos

autônomos seremos. Constituímos uma identidade calcada no cuidado e no afeto. Como resultado desta construção, resta uma interdependência intensa entre o amor e o ser, em situações extremas, quem não conseguiu autonomia suficiente, somente pode SER quando for AMADO. Ter consciência de que nos amam, dá segurança, estabilidade e temos mais confiança em nossas forças; mas quando, para nós esse amor se converte em algo essencial, nos tornamos dependentes.”

De modo geral, o tímido se subestima. A pessoa a quem falta confiança, tem uma visão desalentadora de si própria, possui uma baixa estima por si mesma, tem medo de si própria.

O certo é que, a pessoa que carece de confiança possui pouca condição para avaliar a si mesma, e ao fazê-lo, coloca-se em posição de inferioridade. Uma pessoa que não conhece a si própria totalmente, ou avalia-se negativamente, tende a afastar-se das demais.

A Crônica de Luis Fernando Veríssimo A TIMIDEZ E A CONTRADIÇÃO, exemplifica, muito bem, as situações que o tímido passa no seu cotidiano.

A TIMIDEZ E A CONTRADIÇÃO

(Luis Fernando Veríssimo)

Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido talvez estivesse se enganando junto com os outros, e sua timidez seja apenas uma estratégia para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico: só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha se sentir inferior é doença.

Todo mundo é tímido, os que parecem tímidos são apenas os mais salientes. Defendo a tese de que ninguém é mais tímido do que o extrovertido. O extrovertido faz questão de chamar a atenção para sua extroversão, assim ninguém descobre sua timidez. Já no notoriamente tímido, a timidez que usa para disfarçar a sua extroversão tem o tamanho de um carro alegórico. Daqueles que sempre quebram na concentração. Segundo minha tese, dentro de cada Elke Maravilha existe um tímido tentando se esconder e dentro de cada tímido existe um exibido gritando “Não me olhem! Não me olhem!” só para chamar atenção.

O tímido nunca tem a menor dúvida de que, quando entra numa sala, todas as atenções se volta para ele e

para sua timidez espetacular. Se cochicham, é sobre ele. Se rirem, é dele. Mentalmente, o tímido nunca entra num lugar. Explode no lugar, mesmo que chegue com a maciez estudada de uma noviça. Para o tímido, não apenas todo mundo mas o próprio destino nunca pensa em outra coisa a não ser nele e no que pode fazer para embaraçá-lo.

O tímido vive acochado pela catástrofe possível. Vai tropeçar e cair e levar junto a anfitriã. Vai ser acusado do que não fez, vai descobrir que estava com a braguilha aberta o tempo todo. E tem certeza de que cedo ou tarde vai acontecer o que o tímido mais teme, o que tira se sono e apavora o seus dias: alguém vai lhe passar a palavra.

O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma platéia, o tímido não pensa nos membros da platéia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada indivíduo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para a platéia fechar os olhos, ou tapar um olho e um ouvido para cortar o desconforto do tímido pela metade. Nada adianta. O tímido em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó.

(JORNAL DO BRASIL, 10/03/96)

A partir dessa crônica fica claro perceber os conflitos que o tímido possui. Vive uma ambivalência entre ser amado ou odiado, entre estar certo ou errado, ser aceito ou não, agradar ou não agradar, ser notado ou não ser notado. Convive com todas essas contradições e por não conseguir resolvê-las, desiste do convívio social, fecha-se em seu mundo, onde consegue de certa maneira um equilíbrio, porém este equilíbrio não o satisfaz, pois não pode ser compartilhado com os demais.

O que o tímido mais deseja é ser aceito, por aqueles que são importantes para ele, e ter uma vida social comum ou senão maravilhosa, mas o medo o impede de seguir, levando-o ao encolhimento social.

Como afirma DRISCOLL (1970: 32):

“A timidez é causada pela excessiva inibição da espontaneidade. Tão logo seja permitido que uma criança comporte-se livre e espontaneamente sem a conseqüência da desaprovação do adulto, essa liberdade é acompanhada de alegria quase permanente. O medo leva a constrição, que não é um estado físico confortável ou desejável. Não se pode querer que alguém passe uma vida sob constrição emocional física e social.”

A timidez se torna um problema quando vira uma barreira entre nós e o que desejamos. A partir daí, há uma necessidade de ajuda, seja da família, da escola ou de um terapeuta.

III - DINÂMICA FAMILIAR

Nenhum de nós vive só. Alguns aspectos da vida que se constitui como experiências únicas, tais como o nascimento e morte, mas não é por isso que a vida deixa de ser uma experiência compartilhada quase que exclusivamente com os membros da família. A família é uma unidade básica do desenvolvimento, da experiência, de realizações e do fracasso.

O início da socialização ocorre na família, grupo social primeiro, que é dado e não escolhido, e é no interior dele que configurar-se-á toda dinâmica psicossocial que marcará o processo de socialização.

É na família que a criança desenvolve sua identidade. É nela que são constituídos os papéis básicos que o indivíduo irá cumprir no âmbito social.

Segundo MUSSEN (1979: 98), vários estudos mostram que as crianças criadas em orfanatos, lares substitutos, hospitais, que ficam privadas do contato materno são menos sociais, menos alertas, mais apáticas e com problemas gerais de adaptação e de personalidade.

“Outras conseqüências da educação emocionalmente inadequada de crianças foram demonstradas num estudo conduzido no Irã. Infantes de um orfanato não-estimulante, tratados impessoalmente, sem dispor de brinquedos e com poucas oportunidades de praticar atividades motoras foram comparados com outro grupo, de um orfanato mais

estimulante, onde se dava mais atenção pessoal, havia mais brinquedos e mais atividades envolvendo práticas motoras. As crianças do orfanato estimulante estavam consideravelmente mais contentes, mais amadurecidas emocionalmente, mais felizes do que as outras, e, durante seu segundo ano de vida, tiveram maiores progressos em habilidades motoras.”

(MUSSEM, 1979: 100)

Os cuidados maternos individualizados são imprescindíveis para o desenvolvimento da criança.

Ana Freud (1958) afirma: “... a necessidade de uma substituição bem sucedida das figuras paternas, para uma boa formação do caráter e consciência moral do indivíduo, sobretudo para sua adaptação às exigências sociais.”

Fica claro que a família exerce um papel primordial na vida do ser humano.

Mas o que é família? Todos sabem o que é família, já que grande parte de nós somos integrantes de alguma dela. “É uma entidade por assim dizer óbvia para todos. No entanto, para qualquer pessoa é difícil definir esta palavra e mais exatamente o conceito que a engloba, que vai além das definições.” (PRADO, 1983: 08)

Sabemos que a família tal qual se apresenta atualmente é o resultado de todo um processo histórico, que engloba a economia, a política e a religião.

“O termo família origina-se do latim FAMULUS que significa: conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor. Entre os chamados dependentes inclui-se a esposa e os filhos. Assim, a família greco-romana compunha-se de um patriarca e seus fâmulos: esposa, filhos, servos livres e escravos.”

(PRADO, 1983: 51)

No Brasil, está presente o modelo de família patriarcal, monogâmica e nuclear. “Família patriarcal é aquela estrutura familiar que não somente identifica o indivíduo pela origem paterna (patrilinlear) mas ainda dá ao homem o direito prioritário sobre os filhos e um poder sobre a pessoa da esposa.”(PRADO, 1983: 54)

No sistema colonial brasileiro, os filhos e as mulheres, ocupavam uma posição secundária na família. O pai era o senhor e centro da vida familiar, não tinha a menor relação de afeto para com os demais membros da família. Como afirma COSTA (1989: 153):

“... o pai era o pólo de atração da vida familiar, isentava-se por sua vez, de maiores compromissos ou manifestações afetivas para com os filhos. Conscientes de seus direitos e inconsciente do que ulteriormente foi

definido como seu dever, o chefe da casa comportava-se de modo bastante diversos de um pai moderno.”

Com a vinda da família real Portuguesa para o Brasil, ocorreu uma transformação na vida dos colonos e no patriarcalismo que existia aqui. Com a crescente urbanização, a mulher acabou sendo retirada do confinamento doméstico, o qual era submetida, nas fazendas. Liberando-se assim, ao convívio social e ao consumo comercial.

O grande número de morte de crianças, também foi, a partir dessa época muito questionado. Houve uma necessidade de mudança na relação de pais e filhos.

A partir dessas transformações históricas, o homem perdeu de certa maneira o poder patriarcal, virando agora o pai que possui deveres e a mulher deixou de ser propriedade do marido para ser mãe.

De acordo com o pensamento de COSTA (1989: 169):

“Nesta nova família, a antiga omissão para com a criança. daria lugar a uma participação mais justa e eqüitativa entre homens e mulheres: recebendo do pai a proteção material e da mãe a iniciação na educação, o infante preparava-se física, intelectual e moralmente para amar e servir a humanidade, princípio e fim das suas operações.”

A mulher deixa de ser propriedade exclusiva do marido, para ser propriedade da família (marido e filhos).

Com base nas afirmações de COSTA (1983), podemos concluir que: segundo os higienistas, a independência da mulher não podia extravasar as fronteiras da casa e do consumo de bens, reforçavam a imagem da mulher mãe. A mulher intelectual dava mau exemplo às outras, por isso, sua presença nas catedrais da ciência era intolerável.

Emancipada intelectual e profissionalmente, a mulher comprometia o pacto “machista” firmado entre a higiene e o homem.

A família burguesa contemporânea é fruto de todo esse processo histórico-social, onde foram construídos o sentimento familiar caracterizado pela intensidade das relações afetivas entre pais e filhos; privacidade do lar; cuidados especiais com a infância; o machismo, onde a mulher passa a ser a única responsável pela educação dos filhos, entre outras transformações.

A dinâmica familiar não pode ser analisada em um vazio social ou em um contexto exclusivamente formado pelos seus membros, mas deve ser considerada a relação da família com a sociedade. Porém, a família não é um simples objeto social, mas também é uma experiência repartida unicamente pelos seus membros o que lhe dá o sentido de totalidade.

A família é muito importante na formação do ego. Segundo Freud, o recém-nascido, por não possuir ainda um ego formado, depende quase que

exclusivamente do meio externo, sentindo, por isso, qualquer ausência mais demorada da pessoa que o cuida, como um perigo de perda.

A função materna vai muito além de oferecer à criança bem estar físico e satisfações de suas necessidades. A mãe atua como mediadora entre o filho e a realidade e inicialmente ocupa o papel que no futuro o ego deverá desempenhar, pois funciona como aquela que seleciona estímulos e experiências, protegendo o filho.

Segundo MUSSEN (1975: 102), “a atmosfera familiar exerce grande influência na formação da personalidade do indivíduo. Se os pais encorajam as crianças a explorar livremente, recompensando sua curiosidade e seu comportamento independente, elas estarão aptas a continuar investigando e a manipular ativamente seu ambiente. Essas crianças tem maior probabilidade de desenvolver a espontaneidade, a curiosidade, a autoconfiança e, ao mesmo tempo, fortes impulsos para autonomia, independência, domínio do ambiente, competência e realização.

Os pais que restringem severamente a liberdade de movimento de seus filhos podem inibir suas tendências no sentido de explorar e investigar e, desse modo, impedir o desenvolvimento de motivações para a autonomia e a independência.”

Na prática a relação mãe e filho é muito delicada. Observamos muitas vezes extremos que vão desde a tentativa incansável de mães que desejam fazer os filhos felizes e com isso tentam evitar que sofram frustrações, esquecendo, ou não podendo compreender, que as frustrações também fazem com que o indivíduo cresça e amadureça; há outras mães que desde cedo começam a disciplinar e colocar limites, mesmo que precocemente, criando, assim uma relação de hostilidade, pois o controle

só pode ser estabelecido quando as necessidades de afeto e segurança estão sendo satisfeitas.

A maneira como essa mãe lida com os desejos do filho e o equilíbrio que estabelece entre satisfação e frustração é o que mais tarde servirá como modelo estrutural.

Desta forma a relação da criança com seus pais, ou substitutos é de fundamental importância. Os pais são quem em primeiro lugar significam o social para os filhos.

Como afirma ALMEIDA (1987, 20):

“Por constituir um espaço reservado à intimidade, onde realizam a afetividade, a sexualidade, a família nuclear burguesa desfruta de um peso privilegiado na configuração do indivíduo e no processo de construção de sua subjetividade.”

Através de suas atitudes, de cuidados, afeto, proteção, estabelecimento de regras e limites, os pais participam da transformação do recém-nascido frágil e desamparado, em um ser humano. Os padrões destas relações é que mais tarde poderão representar as futuras relações que o indivíduo irá travar na sociedade.

Segundo SCHNITMAN (1991, 22):

“ Em psicologia, tem sido uma tendência pensar que, uma vez constituída a personalidade ou a família, essa

configuração permanece. Esta é uma convicção do desenvolvimento, onde a pessoa ou grupo evolui, durante um período de tempo até ser o que é, e depois permanece relativamente imutável.”

Estudos recentes colocam em questão a noção de SELF e de FAMÍLIA com essas características de evolução fechada e propõem modelos de mudanças constantes como resultado de intercâmbio dialógicos.

Nesta visão sistêmica, o indivíduo é analisado como sendo parte integrante de um todo (FAMÍLIA), que possui toda uma característica própria, com regras e meios de comunicação bem peculiares.

Na visão a família é vista a partir da multidimensionalidade da experiência humana. Levando aqueles que lidam com o estudo da família, a terem uma maior percepção do funcionamento da dinâmica familiar e não mais do indivíduo isolado.

A visão sistêmica parte do estudo como a família lida com os problemas individuais, não mais tentando identificar somente as causas do problema, mas sim ajudando o indivíduo a reorganizar esse universo familiar para que possam lidar com essas dificuldades, pois a família exerce um papel importante na vida do ser humano.

IV - ENTREVISTAS COM EDUCADORES

Foram realizadas entrevistas com cinco profissionais da educação. Dentre as professoras entrevistadas duas trabalham em CIEP, em área carente com 2^o série, as outras três trabalham em escolas particulares com as seguintes séries: Jardim, 1^o série e 3^o série.

Através das entrevistas podemos observar certos aspectos muito significativos sobre a timidez e como o educador se coloca frente à essa questão. São os seguintes:

“Sempre passei dificuldades em função da timidez, por isso acho fundamental todo e qualquer estudo sobre o assunto. O aluno tímido, quase ninguém fala, ele não perturba, então não é motivo de pesquisa, tese de estudo. Pois ele realmente não aguça a atenção de alguém, não é preciso chamar a atenção dele.”

(MARIA CRISTINA)

“No início do ano eu gosto de detectar quais são os alunos que apresentam maior timidez, os mais calados, os que não participam, os que estão sempre com o olhar perdido e distante. Então eu procuro a todo instante questionar e pedir que participem, que vá ao armário pegar os cadernos, pedir que distribuam as provas, a solicitação é constante. Eu sinto que no segundo semestre eles vão

melhorando. Isso vai ajudando na questão da auto-afirmação, na questão de acreditar em si próprio. O tímido muitas vezes não acredita nele mesmo e si anula, se nega, não sou nada, não sou ninguém, então não tenho o direito de fazer nada.”

(MARIA CRISTINA)

“As vezes o tímido é resultado de uma família altamente castradora, aquela família que exige demais, é muito rigorosa e acaba tornando, criando um filho tímido, que não participa, até mesmo no seio familiar, de nada. Pude constatar que os tímidos são de uma família muito rigorosa, o filho não tem vez para nada, eles acabam não tendo essa vontade de participar.”

(MARIA CRISTINA)

“O tímido é aquele que dentro de uma turma, não consegue brilhar em nada, é como se fosse uma ESTRELINHA APAGADA, não consegue se mostrar, é totalmente calado. É o caso do meu aluno, ele é quieto, mas é um quieto diferente dos outros. Eu tenho alunos quietos na turma, que não apresentam comportamento igual ao dele, tem medo de falar.

Não consegue abrir a mochila, aí ele praticamente chora, por não conseguir aquilo e vem me pedir, com a voz trêmula e lágrimas nos olhos. Eu acho que esse é um comportamento tímido. O quieto dele é porque ele não consegue se expressar mesmo.” (BETH)

“Tenho um aluno de 5 anos que é tímido, é fácil de notar, ele é sempre calado, nem nas brincadeiras com os outros ele envolve. Então comecei a tentar mudar isso, perguntando prá mãe, como ele era em casa, se apresentava esse tipo de comportamento. A mãe disse que ele era muito falante e observador, contava tudo que ocorria na escola. Daí eu comecei a fazer a mesma coisa, dentro da sala, perguntei o que acontecia na casa dele, e depois o que ele gostou de fazer na escola, mandava-o entregar recado. Ele foi melhorando, a ponto da mãe chegar e falar que ele estava mais falante em casa, falando com outras pessoas, como a avó, que ele se mantinha afastado...”

(BETH)

“Nas experiências que eu tive, o fato do indivíduo se colocar mais ou menos, de se relacionar com muitos ou com poucos, isso não atrapalha a aprendizagem...”

(ANDRÉIA)

“Eu entendo que a criança tímida é aquela que fica quieta, bem quietinha e até um pouco apática.”

(KÁTIA)

“Geralmente os tímidos, acham que não fazem parte da turma, estão ali e não sabem porque e como estão.”

Ninguém perguntou, porque ele está na escola. Ele não tem direito a voz e a vez.”

(KÁTIA)

“...através das reuniões de pais eu pergunto como é o comportamento desses alunos em casa. Mas os pais falam que a timidez ocorre apenas na sala de aula. Porque eles foram acostumados a não ter vez na sala. Por causa do processo mecânico de aprendizagem, que tiveram em outros anos letivos. Eles não tinham direito de falar. A ALFABETIZAÇÃO DELES ERA PARA O SILÊNCIO. O professor só transmitia e o aluno só ouvia.

A ESCOLA PREGA O SILÊNCIO.”

(KÁTIA)

“...um fator importante que eu detectei nos alunos tímidos é relacionado a letra. Dentre esses alunos, alguns deles apresentam a letra miudinha, como também o desenho é pequeno”, porque, para essas crianças, não foi permitido que expressem seus sentimentos.”

“Um outro fator importante, que causa a timidez é a relação da escola com a criança. A escola dita os padrões e a criança tem que se moldar neles, se ela não consegue, fracassa, é tornada tímida. A maioria dos professores nem estão aí. O tímido é aquele quietinho, que não atrapalha, que parece que sabe tudo, parece que se organiza e não

pergunta nada ao professor, que continua com a sua aula, sem tentar ajudá-lo.”

(KÁTIA)

Partindo dessas opiniões podemos observar alguns aspectos interessantes:

↪ Todos os entrevistados apontaram que a família, pode ser responsável pela timidez da criança.

↪ Todos percebem que existem alguns alunos tímidos e se preocupam, buscando fazer algum tipo de trabalho, que levem esse aluno a estabelecer melhores relacionamentos.

↪ Um dos entrevistados aponta a necessidade de maior estudo sobre o assunto.

↪ Dois entrevistados acham que a timidez interfere na aprendizagem e os outros três acham que não.

↪ Todos fazem distinção entre a criança calma e o aluno tímido.

↪ Os pais quando solicitados não aparecem ou dizem que a timidez só ocorre na escola.

↪ Alguns dos entrevistados percebem também que a escola contribui para a timidez do aluno, pois prega o silêncio.

De acordo com o que foi enfatizado em outros capítulos, a timidez é uma questão a ser refletida principalmente no ambiente escolar e familiar.

Como afirma PIKUNAS (1979: 232):

“A criança reconhece suas capacidades e limitações, pela avaliação dos outros. Percebe-se, assim como também os que estão próximos e tira as suas próprias conclusões.”

Percebemos como é importante, para a criança a avaliação que o professor e os demais fazem dela. É necessário que os educadores tenham maior conhecimento sobre a timidez. Para que possam lidar, na medida do possível, com essa situação. Criando meios que levem os alunos tímidos a transpor essa barreira.

V - CONCLUSÃO

Com base no que foi apresentado neste trabalho monográfico, podemos fazer algumas considerações a cerca do tema.

A timidez é uma situação construída pelas relações que o indivíduo estabelece com a família e os demais membros da sociedade, que por sua vez se estruturou ao longo do tempo; com base no patriarcalismo. Ao mesmo tempo, aos higienistas se utilizaram desta situação, fortalecendo valores que formaram a família burguesa brasileira contemporânea.

De acordo com COSTA (1989: 14):

“A educação moral dada pelos higienistas, foi bem sucedida. Secularizou medicamente as mentalidades. Extinguiu das casas e colégios a violência punitiva dos castigos físicos coloniais. Criou a figura do indivíduo contido, polido [bem educado], cuja a norma ideal é o comportamento reprimido e disciplinado do “gentleman”, do “petit-bourgeois” europeu. Mas, as custas de uma crescente tendência à autocupalização, que se tornou a marca registrada do sujeito [civilizado] e aburguesado. Do sujeito forçado a exercer um autocontrole tirânico sobre si mesmo. Do sujeito ensinado a reagir com extrema intolerância às menores falhas morais - reais ou imaginárias, suas ou de seus pares - falhas estas

responsáveis, em muitíssimas ocasiões, pelo sofrimento psíquico que ele experimenta.”

O comportamento tímido é cultivado pela sociedade, principalmente a timidez da mulher, onde ela é tida como “honestas e de caráter”.

A escola também contribui para que a timidez venha sendo cultivada. Os métodos tradicionais, são largamente utilizados nas escolas brasileiras, levam o indivíduo a permanecer tímido, porque estimula o silêncio e a obediência sem dar ao aluno chance de falar e opinar sobre qualquer assunto.

Para que o educador possa auxiliar os alunos tímidos, é necessário que possua uma postura crítica, onde o aluno passe a ser o centro do processo ensino-aprendizagem. Através dessa mudança de perspectiva educacional é que se pode tentar ajudar a solucionar a timidez, desde que se estabeleça, também uma relação emocional e sem críticas.

Como afirma DRISCOLL (1970: 30)

“A ajuda a uma criança tímida tem que ser feita de maneira indireta. Seu comportamento retraído evidencia o medo que tem de um contato pessoal com as crianças e também como professor. Até mesmo uma aproximação carinhosa do mestre faria com que ela se sentisse em evidência e ficasse embaraçada. Isso lhe forçaria a idéia de que os contatos pessoais são desagradáveis. Como as crianças tímidas observam cuidadosamente tudo que está

acontecendo a sua volta, familiarizando-se muito com as atividades rotineiras.”

Segundo as afirmações de DRISCOLL o educador deve propiciar casualmente a qualquer criança tímida uma tarefa calma, como a de limpar pincéis, arrumar livros em uma estante ou juntar lápis, é uma forma de reconhecê-la. Se uma outra criança tímida participar da tarefa, deverá se estabelecer obrigatoriamente algum contato pessoal. Gradualmente a criança tímida sentir-se-á mais à vontade ao executar tarefas mais significativas, como limpar o quadro-negro, distribuir papéis e, eventualmente, ajudar o professor antes de começar a aula. Essas crianças, geralmente aspiram receber elogios, porém receiam ficar em posição de destaque. Um comentário do professor, como “você fez um bom trabalho” ou “muito bem”, lhes causará prazer.

As crianças tímidas parecem não ter personalidade, pois a espontaneidade pode ter sido tão freqüentemente condenada e o elogio à obediência tão repetido, que perdem a coragem de se expressarem, receando a desaprovação do ambiente.

Os tímidos passam quase que despercebidos pelos professores e colegas de turma, por não lhe causarem nenhuma impressão. Não perturbam, certamente, mas também não dão nenhuma contribuição ao grupo.

Este trabalho visa chamar a atenção para esta situação. Não se pode mais deixar que esses alunos passem despercebidos. É necessário que os educadores tenham maior atenção para com eles.

É necessário também que percebam que a timidez, não é um empecilho à aprendizagem. A timidez interfere nas relações sociais e não na capacidade de aprender do indivíduo. Muitas vezes os tímidos são excelentes alunos, pois esta é uma forma de tentar chamar a atenção e obter algum reconhecimento.

De acordo com WINNICOTT (1975: 239):

“É claro a etiologia do nervosismo e timidez da maior parte das crianças não é uma coisa assim tão simples; na maioria dos casos, não há um nítido fator externo precipitante, mas o método do professor deve ser tal que, se esse fator existir, não possa deixar de ser registrado.”

Devemos ter em mente que o educador não deve ser considerado um “salvador”, se as dificuldades de relacionamento da criança tímida, forem muito difíceis de serem contornadas, o professor não deve hesitar em encaminhar esse aluno a um especialista.

Pais e professores devem sempre estar atentos aos comportamentos da criança, para que possam vir a perceber qualquer dificuldade que a criança possa estar apresentando, pois são os núcleos sociais mais importantes na formação do indivíduo.

VI - BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ângela Mendes (coord.). Pensando a Família no Brasil, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987.

BRIGGS, Dorothy Corkille. Criança Feliz: O Desenvolvimento da Autoconfiança, São Paulo, Martins Fontes Editores, 1986.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma Familiar, Rio de Janeiro, Edição Graad, 1989

DRISCOLL, Gertrud P. Ajustamento Sócio-emocional da Criança, Rio de Janeiro, Ao livro técnico S.A., 1970.

FREUD, S. & BURLINGMAN, D. Meninos sem lar, Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1958.

GOLDIN, Alberto. "Freud Explica", Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1989.

HADFILD, J. A. Psicologia Evolutiva de La Niñes y la Adolescência, Buenos Aires, Haormé S.A.E, 1962

WINNICOTT, D. W. A Criança e o seu mundo, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975

MIELNIK, Isaac. Mães, Pais e Filhos: Encontros e Desencontros, São Paulo, Editora Graphbox, 1993.

_____. O Comportamento Infantil: Técnicas e Métodos para Entender Crianças, Editora Graphbox, São Paulo, 1982.

MUSSEN, Paul H. O Desenvolvimento Psicológico da Criança, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975

PIKUNAS, J. Desenvolvimento Humano: Uma Ciência Emergente, São Paulo Editora Mc Hill do Brasil, 1979.

POWL, Bárbara. Pessoas Tímidas Podem Curar-se, Rio de Janeiro, Ed. Tecnoprint Ltda, 1982.

PRADO, D. O que é Família?, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

RAPPAPORT, Clara Regina (coord.). Teoria do Desenvolvimento, São Paulo, Ed. EPU, 1981.

SCHNITMAN, Dora Fried. Famílias: Sistemas Multidimensionais. in Revista Nova Perspectiva Sistêmica, dezembro/1981, ano I, nr. 01, p. 22 a 26.

SILVA, Dira Bastos P. Pais, amigos ou sensores? Orientações Práticas para uma Educação Personalista e Libertadora, São Paulo, Ed. paulinas, vol 2, 1980.

VEIGA, Francisco Daudt. A Criação Segundo Freud: O que Queremos para os Nossos Filhos?, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.

VIEIRA, Regina. Psicologia da Criança: e Problemas de Desenvolvimento, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1983.